

3º Lugar

Pseudônimo: JANETE AVRIL

B A N G

Jacira Meneghello Delvivo
LETRAS

B. dobrou a curva fechada e deu de cara com o suburbano-faroeste-cine-bang: o Inca. As máscaras dos deuses andinos grudavam-se nas colunas da velha construção, registrando os horrores da conquista espanhola. Os rostos escarificados pelo tempo, os dentes ameaçadores e os olhos esbugalhados disputavam lugar com os letreiros de refrigerantes. O Inca resistia sabe lá como... Talvez, pela indiferença das cabeças transeuntes da cidade.

Movido pela curiosidade surda e pelas vozes que se despregavam dos rostos fixos às colunas, B. entrou na última sessão. Para isso, valeu-se do descuido do bilheteiro, que conversava com o leão da Metro. Avançou até atingir o abrigo-escuro-pretão do interior do cinema. Deparou-se com o deserto das poltronas. Ocupou exatamente preciso a posição central da primeira fileira, como se achasse virtude nisso. O homem-vagalume cambaleava no estreito corredor. Só se ouvia o murmúrio da lanterna. Passou. B. rodeou-se com a solidão de muitos ninguéns. Olhou o teto que sustentava um galeão espanhol tripulado por caveiras familiares. A prataria derramava-se no assoalho do convés. Demônios escorbutados prendiam-se ao velame, indicando a rota maldita dos homens. O barco navegava à deriva, movimentado pelas caveiras que ziguezagueavam entre o madeirame apodrecido, cordas poídas e velas em desalinho. O interior do misterioso mar ultrapassava a noite do cinema.

Das seteiras da sala de projeção saíam luzes que atingiam a tela, em cheio, expondo suas varizes. Rostos emoldurados pelas espias sorriam com a calma dos prisioneiros. B. sentiu-se ameaçado. Imediatamente, para não chamar a atenção, abriu a braguiha e urinou na poltrona ao lado.

Começou a nevar no filme e na alma de B. Os pardais se acomodaram na frisa lateral que lhes servia de abrigo e diversão noturna. Lá estava Hopalong Cassidy, com os gestos medidos e a voz que lhe escapava dos dentes. B. percebeu o cansaço dos artistas após várias apresentações. Queriam, ao menos, trocar os papéis. Mas, só na ilusão de que se vive é que podiam fazer tal coisa. O filme acabou, the end. Prender o vilão foi tarefa fácil, porém a vitória do bem sobre o mal ainda torturava a felicidade itinerante. Existiam derrotas. O poder...

A escuridão persistiu imóvel. De repente, lanternas azuladas e vermelhas acendiam a tela. (Música) Tã tã rã tã — mambôoo... tã tã tã rã tã tã tã tã tã Uuuuuuuuu! Mambôoo. B. precisava sair antes que acendessem as outras luzes. Seus pés continuavam estaqueados ao chão. Movimentou-os com certa dificuldade. Desgrudou as costas da poltrona e abandonou um pedaço de si na fuga planejada.

Na saída, as figuras pré-colombianas cerravam os olhos diante dos letreiros luminosos que tremiam adoidados. Aspirado pelo bafo morno da cidade, B. cruzou ruas, atravessou praças, misturou-se ao tempo das pessoas que se esbarravam na pressa de chegar a algum lugar, ou lugar algum. A correria antecipava o crepúsculo. As pessoas diurnas abandonavam as galerias, os escritórios, lojas, em perfeito retraimento, tal qual operação de guerra. Ninguém deixava rastros sobre o asfalto. Carros e ônibus conduziam os refugiados. A cidade trocava de guarda. Outra gente tomou posição na metrópole noturna, enquanto B. sobrevivia, milagrosamente, no meio de intenso tiroteio invisível de outro dia... bang!